

O dom e o crédito: reflexões sobre o final de análise

Eliana Borges Pereira Leite

O sonho é a "via real" para o inconsciente, dizia Freud.
O desejo de ser analista também tem raízes no
inconsciente infantil, como mostra este sonho, no qual o
dom se transforma em crédito.

*Para Fernando Cantalise Medeiros e Luis Carlos Menezes...
por uma certa escuta, certas falas, certos silêncios...*

Estas reflexões começaram a se organizar a partir da ocorrência de um sonho. Nada mais corriqueiro do que isso no nosso dia a dia de psicanalistas. Ainda mais se o sonhador é ele mesmo psicanalista e se vê, então, pensando sobre seu sonho. Não é difícil imaginar que todas as manhãs e, por vezes, até no meio da noite, muitos analistas acordem e, compelidos a propor a si mesmos a regra fundamental, se ponham a refletir, mobilizados por estes enigmas do inconsciente. Menos usual, entretanto, é que escrevam ou falem a respeito, a não ser no aconchego de suas análises ou de uma amizade bem próxima.

Estas observações me remetem a um tempo inicial da história da psicanálise, quando grande parte do que se falava ou escrevia era ilustrado por produções pes-

soais de seus pioneiros, seus sonhos e atos falhos, a começar pelos do próprio Freud. Com o passar dos anos, a prática psicanalítica veio a fornecer aos analistas grandes quantidade do assim chamado "material clínico". Gradualmente, eles foram deixando de utilizar suas próprias formações psíquicas como ilustração de suas formulações teóricas. A psicanálise ficou, sem dúvida, mais confortável, particularmente diante das críticas que lhe eram dirigidas pela ciência estabelecida daquela época inicial, quanto à imprecisão de seu método e à credibilidade das suas conclusões. Fundamentar as ela-

Eliana Borges Pereira Leite é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Professora Titular do Centro de Estudos de Psicanálise de São José dos Campos.

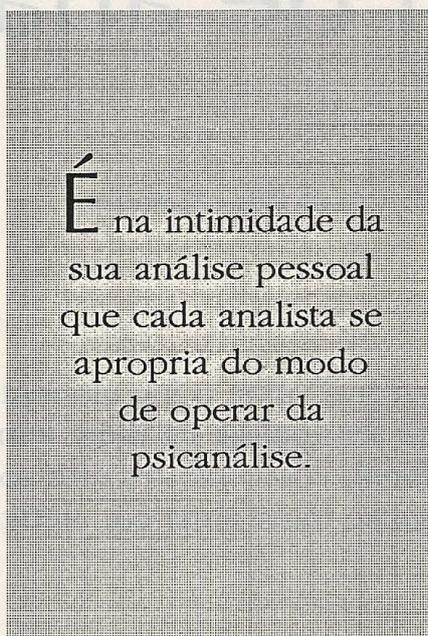
borações teóricas nos acontecimentos da clínica cotidiana, poder aproximá-los e confrontá-los através das discussões clínicas e supervisões, tornaram-se gradualmente procedimentos permanentes que dão sustentação à nossa atividade e validade às nossas proposições.

A dialética entre o particular do caso clínico e o geral do corpo teórico permanece o motor da produção psicanalítica. Freud a sustenta ao longo de toda a sua obra e o mesmo fazem as gerações de analistas depois dele. A exposição e o recurso à clínica, à sua diversidade e às suas surpresas são condições necessárias, tanto quanto a elaboração teórica, para que o analista permaneça enquanto tal, enquanto analista, em constante questionamento e movimentação, nunca se acomodando à ilusão de uma verdade última sobre seu objeto.

Continua sendo, entretanto, no plano do particular, na intimidade de sua análise pessoal, que cada analista se aproxima e se apropria, afinal, do modo de operar da psicanálise. Por um lado, porque é só nesta condição que se pode conhecer o trabalho de outro analista - o seu. Por outro, porque só nesta posição, como analisando, é possível verificar a realidade psíquica "ao vivo", de modo a reconhecer sua existência subjetivada, experimentá-la. Afinal, a experiência psicanalítica ocorre a portas fechadas, sem demonstrações nem testemunhas. É algo que não se ensina, mas se transmite, e isso somente na medida em que se nos apresentam os sentidos possíveis de nossos sonhos, lapsos e sintomas, em que nos defrontamos com nossas dores e resistências, em que somos tomados pela transferência, reconhecemos nossos desejos e conflitos. É assim, nos divãs daqueles que nos receberam como analisados, que construímos o núcleo do que, como Freud em *Análise terminável e interminável*, eu denominaria de *convicção*, não quanto a um conjunto de ver-

dades reveladas (pois não se trata de uma questão de fé), mas quanto à natureza e às possibilidades do método psicanalítico, como instrumento de reconstituição da história psíquica de cada um e de sua re-historização contínua.

O contato com os pacientes, por sua vez, tem o poder de relançar, de recolocar em pauta estas questões, convocando em cada analista a disponibilidade para revisita-las sob ângulos diversos, conduzindo assim à continuidade e à ampliação permanente de sua aná-



É na intimidade da sua análise pessoal que cada analista se apropria do modo de operar da psicanálise.

lise. Sem dúvida, no desenvolvimento desta convicção, o final da análise, enquanto encerramento das sessões que se teve com outro analista, é uma experiência de natureza particular, fundadora, da ordem de um rito de passagem a partir do qual cada um verifica, em si próprio e em sua clínica, a constituição desta *identificação à função*, ao lugar analítico, resultado da elucidação, ao longo do trajeto, de sua história psíquica particular e do enredamento nela do seu desejo de ser analista.

Embora, como disse, já não utilizemos com tanta frequência exemplos de nossas próprias análises

para ilustrar as construções que expomos aos colegas, é ainda esta experiência que continua sendo a matriz privilegiada de nossas descobertas e da validação pessoal que cada um de nós faz do método. Neste processo incessante reside nossa identificação com Freud, e é também daí que advém a nossa reabertura constante, a manutenção da nossa capacidade de escuta na posição de analistas daqueles que, por sua vez, nos procuram.

É nesse contexto que, vez por outra, escrevendo ou falando, os psicanalistas voltam a mencionar aspectos de suas análises. Escrever ou falar para colegas são também ocasiões de dar continuidade ao processo analítico, uma vez que, quer o explicito ou não, o analista está sempre implicado naquilo que expõe, ainda que sob a aparência de um caso clínico ou de um fragmento de teoria. Refletir sobre nossas próprias formações do inconsciente é então mais uma forma, por certo das mais fecundas, de fazer funcionar a psicanálise.

É nesta perspectiva que me proponho a comentar este sonho que me ocorreu há um certo tempo, num período em que ainda dispunha do conforto do divã e da escuta do meu analista, e a tecer algumas considerações que a partir daí fui elaborando, relacionadas particularmente a este movimento de encontro entre a história pessoal, a teoria e o método.

O sonho...

"Encontro-me em um ambiente que desconheço, na penumbra, como se acabasse de entrar em um recinto mal iluminado. Receosa, assustada, vou acostumando os olhos e olhando ao redor. Vejo que estou em uma sala ampla. As paredes têm desenhos, inscrições, como em templos antigos. Ao fundo do recinto há uma silhueta clara, pouco nítida, como se fosse feita de véus, branca,

imaterial, um fantasma, um espectro. Me vêm à mente as palavras: "É Cassandra, a profetisa de Tróia". Sem me dar conta de ter andado, vejo-me diante dela e já não é imaterial. É uma mulher. Vejo-a agora nitidamente e, para minha surpresa, ela tem o meu próprio rosto".

... e o que se seguiu

Ao acordar, eu me lembrava vivamente do sonho e sentia uma inquietação, uma apreensão, acrescida da curiosidade de contá-lo ao meu analista, o que pude fazer na sessão daquele mesmo dia.

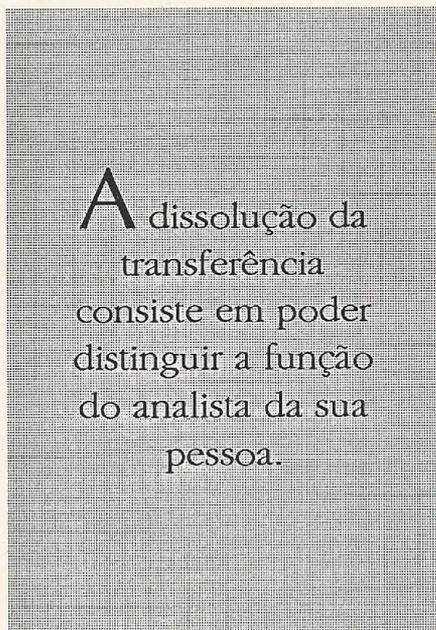
Inquirida por ele, disse-lhe que o que mais me chamava a atenção era o clima de apreensão de quando acordara, que estava presente no início do sonho, desfazendo-se no final, e que voltara no início daquela sessão. Também me inquietara o rosto que se revelara ser o meu próprio.

Ele mencionou os receios com os quais eu havia iniciado minha análise anos antes. Fez assim, com tato, a assimilação entre o contexto do sonho e aquele do qual comparilhávamos. Lembro-me de, a partir daí, ter passado parte de sessão evitando deliberadamente falar da primeira associação que se seguira ao sonho naquela manhã. Apontada nesta estratégia evasiva, acabei por revelar que tinha me lembrado da tradição da Grécia antiga segundo a qual as pessoas iam consultar o Oráculo de Delfos em busca do saber sobre seus destinos. No sonho, analogamente, eu ia ao encontro da profetisa, acabando por encontrar a mim mesma.

Ao longo do resto da sessão, foi ficando claro para nós que o sonho figurava o meu percurso analítico e que eu considerava a possibilidade de seu encerramento. Era uma idéia que de fato já havia me ocorrido, sob diversos disfarces e deslocamentos, até então não comunicados. No sonho, surgindo desta maneira quase

manifesta, passava a ser uma idéia afirmada, sem mais evitações.

Os meses que se seguiram foram efetivamente dedicados ao encerramento da análise. Foi evidentemente uma tarefa rica e emocionalmente intensa. Por vezes experimentava uma vivência de euforia, de desembaraço e aquisição, que acompanhava os momentos de balanço positivo, de reconhecimento das transformações obtidas ao longo do percurso. Em outros momentos, surgiam sentimentos de depressão e solidão, tanto em função



A dissolução da transferência consiste em poder distinguir a função do analista da sua pessoa.

da percepção de minha singularidade enquanto pessoa, quanto em relação à separação iminente do analista. Esta vivência me levou a considerar mais atentamente a distinção entre a função do analista e a sua pessoa propriamente, enquanto um outro, possível semelhante que continuava desconhecido. Creio que é nisso que consiste o que se costuma chamar de "dissolução da transferência". Não porque esta se dissolva e se deixe de dirigir ao analista pensamentos e afetos, processo que só vai ocorrer lentamente, ao longo dos meses posteriores ao final das sessões, mas por-

que, simultaneamente, é possível dar-se conta justamente da natureza de deslocamento, da natureza "trans" (de algo que passa por, como em *transitório, transparente*) destas vivências. Vêem-se então, como em um efeito de "deslocamento" da pessoa do analista, os papéis que o mesmo se prontificou a acolher e desvendar, e as posições subjetivas que fomos ocupando e reconhecendo graças a esta parceria.

A destituição: primeira interpretação

Uma interpretação, é por Freud que o sabemos, não chega nunca a esgotar as possibilidades de sentido de um sonho. Ele afirma isso em 1900 e volta a afirmá-lo em 1925, em um pequeno artigo intitulado *O limite da interpretabilidade dos sonhos*, acrescentando que se podem agregar ao sonho novos possíveis sentidos ao longo de meses, por vezes ao longo de anos, em função do aprofundamento do processo analítico do sonhador, que vai tornar possível o acesso e conexão de elementos do sonho que permaneceram ignorados em uma primeira tentativa de interpretação. A suspensão do recalamento pode ir progressivamente liberando novos sentidos. Por outro lado, muitas vezes é com a primeira interpretação que nos contentamos, desde que ela esclareça algo do momento da análise em que o sonho ocorre. Os elementos do sonho não desvendados nesta ocasião sem dúvida poderão vir à tona também em diversas outras formações do inconsciente, em momentos mais propícios e de maneira mais acessíveis.

Quanto ao sonho que relatei, a interpretação surgida na sessão, segundo a qual eu ponderava a possibilidade de encerramento da análise, centrava-se na passagem da posição de alguém que vai consultar uma figura que detém um saber, para uma nova posição na qual não

havia mais a quem consultar, e isto através da transformação da profetisa na figura de uma igual, uma mulher, eu mesma. O sonho figurava assim o processo de destituição do papel de início atribuído ao analista enquanto aquele que sabe. A apresentação, resto afetivo que ligava o início do sonho ao início da análise, como bem pontuara meu analista, tinha se transformado em apreensão diante desta nova posição. Delineava-se a possibilidade de não mais precisar de um oráculo. Assim, colocava a mim mesma, embora apreensiva, como destinatária de minhas interrogações e possível conhecedora das respostas, não proféticas, mas simplesmente humanas. O esclarecimento deste conteúdo foi o que bastou para pôr em curso o processo que, como descrevi, desenvolveu-se nos meses seguintes.

O trabalho do sonho

O sonho, entretanto, não era do tipo que se deixa esquecer. Posteriormente tornei a pensar nele em diversas ocasiões. Algumas vezes sua lembrança ocorreu em conexão com leituras que estava fazendo, situações da clínica ou da vida pessoal. Era chamado à tona por associação a outros materiais, e ao retomá-lo eu me dava conta de que seu conteúdo ora esclarecia, ora era esclarecido por aquilo que, da clínica, da teoria ou da vida, tinha suscitado a lembrança. Tanto foi possível pensá-lo funcionando como apoio para uma série de associações desenroladas a partir de sua evocação, como percebê-lo ressignificado no a posteriori, ganhando novos sentidos, o que, vez por outra, continua acontecendo até hoje. Eu verificava assim, no prosseguimento da elaboração do sonho, o jogo do antes que só se completa pelo depois, que por sua vez foi pelo antes determinado, o movimento dialético essencial do método psicanalítico.

Seguir o exemplo que Freud

nos oferece, na interpretação do sonho da injeção de Irma e em tantos outros, foi a forma que encontrei para organizar as associações, construções e sentidos que foram emergindo deste movimento.

"Encontro-me em um ambiente que desconheço, na penumbra, como se acabasse de entrar em um recinto mal iluminado. Receosa, assustada, vou acostumando os olhos e olhando ao redor".

Estas frases iniciais do sonho referem-se à estranheza, ao desconhecimento, tanto relativo ao meu psiquismo (mal iluminado) quanto

O sonho é uma carta cifrada, cujo sentido se desvenda a partir do pictural.

ao processo analítico (a penumbra). Segue-se um cauteloso processo de familiarização, com um e com outro, e de busca de referências.

"Vejo que estou em uma sala ampla. As paredes têm desenhos, inscrições, como em templos antigos".

A sala ampla refere-se ao interior, ao estar dentro. Os desenhos e inscrições nas paredes me levam a pensar na arqueologia, pela qual tinha muita curiosidade na época de ginásio. Posteriormente, quando comecei a trabalhar com adolescentes em atendimento de orientação vocacional, voltei a encontrar referências à arqueologia como uma

representação típica, privilegiada, do desejo de alcançar vastos conhecimentos, de grandes e heróicas descobertas, de resolver mistérios insondáveis. De certa forma, se poderia pensar nessa representação como sucessora de teorias sexuais infantis. Também me ocorre a lembrança do gosto de Freud pela arqueologia, que o levou a ter uma preciosa coleção de objetos arqueológicos em seu consultório e a comparar o trabalho do analista ao do arqueólogo, que vai reestabelecendo a história conforme vai descobrindo as cidades soterradas. Freud também comparava o trabalho de interpretar as formações do inconsciente ao de decifração das línguas antigas, e o próprio sonho a uma carta cifrada a ser estabelecida a partir do pictural, do figurativo, até se formular o sentido. Assim, até aqui, o sonho parece estar se voltando sobre si mesmo, dando indicações sobre seu próprio modo de formação e sobre a antiguidade do conteúdo nele oculto. Além disso, aponta para uma posição em que estou identificada a Freud neste processo de exploração e descoberta, tanto dos meus próprios textos cifrados quanto a psicanálise. Toca assim, certamente, na fonte infantil, no desejo de saber que sobredetermina a escolha do meu ofício.

"Ao fundo do recinto há uma silhueta clara, pouco nítida, como se fosse feita de véus, branca e imaterial, um fantasma, um espectro".

O sonho se expressa por imagens, por cenas que se sucedem, às quais acrescentamos uma legenda quando fazemos sua narrativa. Nesta cena, então, há um vulto e, na legenda, o fantasma. Os restos diurnos que utilizamos para compor nossos sonhos são escolhidos da nossa vida cotidiana. Se lidamos com a psicanálise diariamente, seu vocabulário e suas concepções certamente também podem vir a constituir-se em material disponível para a elaboração onírica.

O fantasma desta cena me faz

pensar na situação do fantasma na terminologia psicanalítica. É um termo às vezes criticado por ser uma tradução decalcada do francês "fantasme", que se refere à fantasia inconsciente. Traduzir "fantasme" por fantasia talvez seja mais preciso. Ao preferir o termo "fantasme", no entanto, os tradutores introduzem aí uma ambigüidade que a meu ver faz um interessante acréscimo de sentido. A fantasia, qual um fantasma, é a assombração do neurótico, aquele que vive e se relaciona não conforme o atual, mas sob a influência de sua relação psíquica com seus objetos internos. De certa forma, ao longo de nossa vida somos todos um tanto "assombrados", e é na análise que nos dedicamos a reconhecer nossos fantasmas, exorcizá-los quando possível ou, pelo menos, identificar suas aparições e interferências.

No sonho, este fragmento da visão do fantasma parece ser um indício antecipador. Anuncia a próxima cena, o que ela guarda, o que vai se revelar: a fantasia.

"Me vêm à mente as palavras: 'É Cassandra, a profetisa de Tróia.'"

Penso, com certo humor, que aí estou eu, na inusitada situação de ser apresentada pessoalmente ao meu fantasma. E o fantasma tem o nome de Cassandra - uma figura trágica.

Sua aparição no sonho me leva, como arqueóloga amadora, a tentar resgatar o traço de sua passagem na minha memória. Vou encontrá-la na adolescência novamente, na época do colegial, quando durante alguns meses me dediquei à leitura dos clássicos da literatura grega. Cassandra está implícita, apenas mencionada, tanto na *Iliada* quanto na *Odisséia*, os grandes poemas épicos de Homero, tendo voz e presença como protagonista nas *Troianas*, de Eurípedes, e em *Agamenon*, tragédia de Ésquilo que abre a trilogia da Oréstia.

O questionamento quanto ao seu surgimento no sonho se amplia

a partir de um comentário de uma amiga a quem contei meses depois de tê-lo sonhado. Na oportunidade, uma dessas conversas que se costuma ter entre colegas de consultório nos intervalos de atendimento, falávamos justamente sobre finais de análise. Seu comentário teve o valor de uma interpretação, pelo poder que demonstrou de ressignificar todo o sonho, evidenciando que se faz análise em muitas outras situações além da mais convencional. A observação foi de que Cassandra era profetisa, mas ninguém credi-

Cassandra tinha o dom de profetizar, mas não o crédito: ninguém acreditava nela.

tava nela, fato esclarecido nas duas tragédias que mencionei mas do qual eu até aí não tinha me recordado. Cassandra então tinha o *dom*, mas não tinha o *crédito*.

A partir desta pontuação, passei a considerar sua figura como resultado de um amplo processo de condensação que operava no sonho e que me parece poder ser desdobrado em diversos planos associativos.

Para começar, Cassandra é uma figura mítica. Habita um tempo tão longínquo que se perde para além da história e mergulha na lenda. A natureza lendária da personagem,

na qual a realidade histórica perde sua nitidez, faz pensar por analogia na própria natureza da fantasia do neurótico, cuja origem se perde no mito, na infância, levando-nos como analistas a renunciar à distinção entre o histórico e o ficcional e a voltar nossa escuta para a realidade psíquica.

Assim, Cassandra aparece no meu sonho provavelmente condensando aspectos de minha história e fantasia que se perdem no tempo "pré-literário" da minha infância, para além da memória. Abrem-se aí novas possibilidades de sentido não abordadas quando da ocorrência do sonho. Retornar a própria história/lenda de Cassandra talvez possa então me conduzir estes conteúdos.

Cassandra era uma das filhas de Príamo e Hécuba, reis de Tróia, associação que me lança ao cenário da novela familiar. Ao invés de seguir a vida prevista para a maioria das jovens de sua sociedade, as atividades da corte, os jogos, os bordados, o casamento, ela havia se dedicado a uma função particular, uma vocação, a de sacerdotisa de Apolo. Este era o deus que concedia o dom da vidência, o deus dos oráculos (como o de Delfos, de que me lembrei na manhã seguinte ao sonho). Para receber o dom, no entanto, as jovens sacerdotisas deveriam passar por um ritual e se deixar possuir por eles. Apolo enamora-se de Cassandra e lhe concede o dom de profetizar, a que ela aspira ardentemente. A moça, por sua vez, não corresponde à sua paixão e não se entrega. Irado, o deus não pode retirar-lhe o dom, mas retira-lhe o crédito. O dom de nada lhe servirá. Cassandra, tanto quanto Édipo, é obstinada em seus propósitos e tragicamente impotente face a seu destino.

A figura de Cassandra, ficando com o dom de Apolo sem arcar com sua parte no ritual, faz pensar em um momento particular do percurso da criança, da menina, diante da descoberta da diferença anatômica

entre os sexos. Sendo esta diferença de início percebida imaginariamente como uma falta, ela tudo faz para contorná-la, e uma estratégia possível pode ser apossar-se simplesmente do que faz o outro parecer completo. O dom, que Cassandra tão espertamente surrupia de Apolo, parece figurar aí como para a criança o pênis, enquanto suporte imaginário de falo. Cassandra apossa-se deste dom/falo de modo a sanar sua suposta falta/castração, com a qual teria de se defrontar caso cedesse aos desejos de Apolo. O descrédito com que ele a castiga pode então figurar a ineficácia desta manobra. A ilusão é desfeita. Não é ter o dom que faz Cassandra (a menina) ser completa (não-castrada). A equação imaginária dom=falo fica exposta em todo o seu engodo, toda a sua fragilidade, se ainda se levar em conta que o próprio Apolo, que concede a vidência, não é todo-poderoso. Não previu, não pôde evitar ser enganado por Cassandra, e tampouco pôde retirar-lhe o dom uma vez concedido. Pode apenas fazê-la dar-se conta de que não é disso que se trata.

Assim, o fantasma que no sonho é Cassandra traz de além da história/memória, ou seja, do tempo lendário das teorias infantis, a questão do impasse da castração e dos esforços da criança, que se deseja fálica, para não se confrontar com a trabalhosa tarefa da sua simbolização.

"Sem me dar conta de ter andado, vejo-me diante dela e já não imaterial. É uma mulher".

Após o encontro com o fantasma que condensa e revela as malogradas tentativas infantis de contornar a castração, o sonho aponta para um encontro com o feminino. O feminino aí está, depois da percurso da análise (sem me dar conta de ter andado...). Ferenczi é agora quem me sugere um caminho. Seu texto de 1927, *O problema do fim da análise*, propõe que o final da análise de uma mulher implica superar

seu complexo de virilidade, e poder viver sem ressentimento as possibilidades de pensamento do papel feminino. A mencionada "superação do complexo de virilidade" diz respeito, no meu entender, à superação da fantasia fálica e de seus efeitos imaginários, que levam a mulher à permanente rivalidade com o homem, buscando uma igualdade impossível, uma anulação da diferença, aí entendida em termos de valor e não de especificidade. Por sua vez, "viver sem ressentimento as possibilidades de

A simbolização seria o acesso à diferença em si mesma, sem a referência fálica imaginária.

seu pensamento do papel feminino" afirma estas possibilidades e aponta para o crédito, aquele que Cassandra perde enquanto se ilude com a miragem do dom que, imagina, a fará completa. Há nesta direção apontada por Ferenczi a descoberta de uma sexuação possível, das possibilidades de realização específicas (não menores, nem inferiores). Ser mulher pode vir a ser considerar a diferença anatômica simplesmente como diferença de gêneros, não como evidência de um "a menos". Há aí uma positivação possível do ser mulher, que implica a simboli-

zação do falo como não sendo prerrogativa de nenhum dos sexos, podendo ser encontrado por ambos, homem e mulher, em inúmeras realizações. Trata-se de uma identificação ao sexo próprio, alcançada depois de um longo percurso.

Pode-se pensar correlativamente de que maneiras a conclusão da análise de um homem implica, por sua vez, através de uma identificação com o masculino que igualmente ultrapasse a equação fálica imaginária, um encontro com o feminino menos carregado de consequências psíquicas. Daí resultaria um apaziguamento da angústia de castração com duas derivações: uma em que o feminino deixa de ser uma ameaça de constantes exigências, , risco de ser roubado (como Apolo); outra, em que os demais homens deixam de representar pais/rivais superpotentes em relação aos quais se tem de estar sempre provando competência. Assim, a superação da equação fálica imaginária conduziria a uma tranquilização da relação com seu próprio sexo e com o outro, tanto para o homem quanto para a mulher. A simbolização seria então o acesso à diferença em si mesma, como puro encontro das possibilidades, despreendida assim da referência fálica bem como de suas consequências psíquicas imaginárias.

"Vejo-a agora nitidamente e para minha surpresa ela tem o meu próprio rosto".

Esta cena, com a qual o sonho se encerra, indica uma transformação, operação ocorrida ao longo do sonho (da análise). A figura inicialmente idealizada e trágica de Cassandra cede lugar a outra, simplesmente humana e feminina, em cujo rosto, como no espelho; é possível reconhecer finalmente meus próprios traços.

Fim de análise-produção

Ponto de chegada, ou antes, ponto de passagem, de novas par-

tidas, novas direções. Assim é o fim de análise. Momento que não apenas se anuncia através destes recursos privilegiados que são nossas formações do inconsciente, como é em si mesmo um efeito, uma produção. O final da análise é constituído, inventado por cada analisando, em parte com os mesmos recursos anteriormente implicados na produção do seu sintoma. No entanto, articula-se no campo das possibilidades, da criação, da sublimação. Cada um o cria conforme um estilo próprio, marcado ainda e sempre pelas posições ocupadas em sua fantasia, mas desfrutando agora das possibilidades de movimentar-se em relação a elas.

Esta mobilidade, trabalhosa e grande benefício da análise. Mobilidade de sentido que permite olhar para trás, retornar a própria história e, à semelhança de um autor que retoma seu próprio texto tempos depois de tê-lo escrito, surpreender-se, quase estranhando a si mesmo e pensando, então, que poderia tê-lo feito de muitas outras maneiras.

Mobilidade ainda que, diante desta verificação, descortina para a história futura, a ser composta a cada momento, ainda que particularizada por um estilo, uma perspectiva inaugural, cridora, com espaço para diferença e suas possibilidades.

A posteriori

O desejo de ser analista, bem como os caminhos escolhidos para realizá-lo, foram tema de reflexão em muitos momentos da minha análise e após o seu encerramento. Da mesma maneira, tive de me defrontar com as questões de identidade, reconhecimento, reconhecimento e pertinência. Não poderia, é claro, ser de outra maneira, como bem sabem todos os que se engajam seriamente neste ofício. Incertezas e exigências

quanto aos conhecimentos dos quais desejava me apropriar, quanto à instituição na qual fazia minha formação, quanto ao analista que havia escolhido e às minhas próprias possibilidades estiveram presentes em muitos momentos. São questões que, evidentemente, estão sempre sujeitas a ser retomadas, e não devemos temê-las. Fazem parte do processo incessante da nossa formação.

No período inicial, no entanto, integravam-se a uma dinâmica específica, na qual o vir a ser analista se apresentava como um ideal de alcançar no saber analítico algum tipo de completude, de ter todas as respostas. Certamente se pode reconhecer nesta dinâmica a versão atualizada, à época do início da formação, das temáticas infantis que posteriormente se apresentaram condensadas no sonho. Foi parte do trabalho da análise elucidá-las, possibilitando-me assim, uma vez reconhecidas suas determinantes, validar as opções que havia feito e seguir seu curso.

Há então, além das vertentes já consideradas, um plano associativo em que é possível encontrar, no sonho, as mudanças ocorridas na minha relação com o saber psicanalítico. A profetisa, de início personificando o analista, detém a psicanálise e seu saber, visto como oracular. Enquanto dom, este saber só pode ser obtido através do cumprimento de um ritual de submissão e fica, assim, alienado a quem o concede. Nesta posição podem estar tanto o analista quanto a instituição escolhida para a formação, conforme os ideais e modelos que sustentem no campo psicanalítico, ou conforme os papéis que lhes sejam atribuídos imaginariamente por quem lhes demanda análise ou formação, em seu início de percurso.

É, então, esta modalidade de saber idealizado que se apresenta no início do sonho como desejada. No entanto, o desejo se acompanha de afetos ambivalentes. Cas-

sandra, movida por sua vocação, busca obter o dom mas rejeita a alienação. É bem sucedida quanto a apropriar-se do saber, mas, por não ter cumprido o ritual, permanece sem o crédito. Ao escolher para minha formação uma instituição "não-oficial", bem como uma análise "não-oficial", encontrava-me, como analista iniciante, no mesmo impasse. De um lado, o desejo de reconhecimento que parecia ser mais atendido pela modalidade de formação tradicional. De outro, o desejo de independência, principalmente quanto à escolha da pessoa e das características da análise pessoal, bem como das supervisões e das posições teóricas que queria conhecer.

Visto como dom, o saber psicanalítico se sustentaria na primeira modalidade, que entretanto me parecia como para Cassandra o ritual, a alienação. A segunda modalidade possibilitava a autonomia e trazia, por seu turno, dúvidas quanto ao crédito. Em torno destes pólos mobilizavam-se as questões que com frequência expunha ao meu analista. Examinando atentamente tantas outras situações de vida em que esta dialética dom/credito se apresentava e nelas reconhecendo as marcas da minha história, foi possível o desenlace que o final do sonho ilustra. O saber analítico não mais é tido como um dom. Trata-se de um saber humano, com seus limites e possibilidades, e é possível desejá-lo sem a ameaça da alienação ou do descrédito - destinos trágicos. Buscar este saber possível é buscar e constituir o próprio crédito. O analista, a supervisão e a instituição escolhidos, aí considerando suas vinculações teóricas e clínicas, funcionam quanto a este crédito como referências. São indicadores fundamentais mas não garantem permanente. Cabe a cada um preservar e sustentar seu crédito - tarefa contínua - no interminável da formação, da clínica e da própria análise.